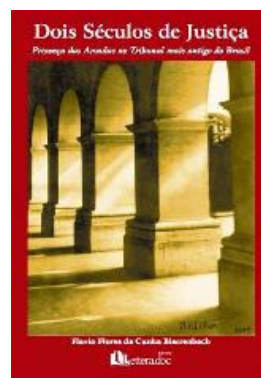


## Texto do livro: "DOIS SÉCULOS DE JUSTIÇA"

**Autor: Flávio Flores da Cunha Bierrenbach**

*"Largo de São Francisco. E bem no meio  
O convento da eterna mocidade.  
Por fora, um velho casarão tão feio  
Por dentro, o sonho, a glória, a majestade!"*  
**Isabel Vieira de Serpa e Paiva**



**F**elizmente, o olho curioso do Militão<sup>i</sup> viu tudo. O primeiro fotógrafo de São Paulo registrou, em 1862, o antigo Largo de São Francisco, ainda com seu aspecto original, com as construções de taipa de pilão, isto é, de barro socado, austeras, pesadas, embora não destituídas de certa grave elegância, característica do estilo que depois se chamou "colonial", variante do barroco trazido de Portugal pelos jesuítas, ainda com as prescrições da Contrarreforma.

A foto mostra o convento e a Igreja de São Francisco, ao lado da capela da Ordem Terceira, numa sequência perfeita que evidencia o equilíbrio do conjunto. O convento e a igreja foram inaugurados nas festas das chagas de São Francisco, em 1647, sendo guardião frei Luiz do Rosário. A capela da Ordem Terceira resulta de sua fundação, em 1676, e de ampliações no século posterior. A linha do velho convento seguia sem muito compromisso os já cansados ditames da habitual arquitetura religiosa portuguesa. Dentro do convento, o claustro, com as tradicionais arcadas mantidas na risca original nas várias reformas que o prédio sofreu. Tanto que a palavra **Arcadas** é hoje nome próprio, com letra maiúscula, e designa justamente a faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Do lado de fora, um longo e reto muro de barro socado, nem tão distante da fachada, separava o próprio religioso daquilo que se poderia chamar de espaço público. Não era uma rua, nem propriamente uma praça, menos ainda um largo. Era quase um descampado, logo acima do Vale do Anhangabaú, com terreno em aclave, sem qualquer cuidado ou cultivo, onde o vento incessante levantava redemoinhos de poeira.

Na Sequência da fachada, a igreja e a Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, que abriga os restos mortais do brigadeiro Tobias e do regente Feijó, hoje degradada pelo tempo e pelo abandono, ameaçada de ruir, lacrada há anos pela Prefeitura, esquecida tanto do poder público quanto da Mitra Arquidiocesana. Ambas tombadas pelo patrimônio histórico e merecedoras de mais zelo, com rico interior de talhas e ornatos, com

belas imagens destinadas a inspirar e comover os fiéis, a proclamar a insignificância do mundano e a transcendência da fé.

O Convento de São Francisco, o Convento do Carmo e o Mosteiro de São Bento eram os vértices do triângulo urbano e religioso a que então se resumia a cidade de São Paulo. Não se enganaram os que escolheram o convento dos franciscanos para sediar a Academia de Direito. Tinha dois pavimentos, com área ampla o suficiente “para nele se estabelecer o curso jurídico sem demolir nada e sem vexame dos frades”, conforme carta enviada ao Visconde de São Leopoldo. Os espaços internos, bem divididos e mais bem aproveitados, acomodaram professores, alunos e frades. No princípio, o convento e a Escola estavam juntos, “almas gêmeas unidas no mesmo corpo”, como se disse. Os estudantes chegaram às classes entrando pela sacristia, e era sino da igreja que os convocava às aulas. Logo pôs-se abaixo o muro, e o poder público tratou de dar ao sítio uma nova feição, que ganhou o apelido de Largo do Capim. Porém, tudo isso só aconteceu depois da solene inauguração dos cursos jurídicos, em 1º de março de 1828.

Curiosamente, o primeiro diretor da Academia foi um militar de carreira. Portanto, a ligação entre a Faculdade de Direito de São Paulo e as Forças Armadas vem desde o dia da sua inauguração. Por decreto do imperador, foi designado o tenente-general José Arouche de Toledo Rendon, nascido em São Paulo em 1756 e formado em Direito em 1779, na Universidade de Coimbra. Antes, já exercera a magistratura em São Paulo. Depois, chegou a marechal de campo. Embora tivesse participado ativamente da Assembléia Constituinte de 1823, Spencer Vampré o reputava mais voltado às questões militares do que às letras jurídicas. Sua casa, onde é hoje o Largo do Arouche, passou a ser regularmente freqüentada pelos estudantes.<sup>ii</sup> Ficava a poucos metros da atual sede da Academia Paulista de Letras, em cujas cadeiras tantos antigos alunos já tiveram e têm assento. Foi o responsável pela escolha do Convento de São Francisco. Segundo Roberto Pompeu de Toledo, o tenente-general Arouche Rendon é considerado o primeiro exportador paulista de café, plantado no sítio que possuía da margem direita do Tietê até a encosta da serra da Cantareira, conhecido como Casa Verde, que viria a dar nome ao bairro que se formou no local.

À cerimônia inaugural dos cursos jurídicos<sup>iii</sup>, compareceu a elite paulistana – autoridades civis, militares e eclesiásticas, todas as pessoas gradas da capital, com as respectivas esposas e filhas. Era a primeira vez que São Paulo conquistava ares de metrópole. Na presença do presidente da Província, conselheiro Tomás Xavier Garcia de Almeida, e do já aluído bispo diocesano (que por algumas horas tentou deixar de lado os escuros pensamentos que o atormentavam), a faina teve início às quatro horas da tarde, regida pelo tenente-general Arouche, diretor da instituição. Presentes também estavam os primeiros 27 alunos matriculados. A aula magna, de Direito Internacional, foi dada pelo professor José Maria de Avellar Brotero, o primeiro lente de Academia, segundo consta de ata lavrada pelo padre Ildfonso Xavier Ferreira, guarda-livros oficial da Faculdade e seu primeiro secretário interino. Conforme

os cronistas da época, a festa que se seguiu ao *te Deum*, cantado pelo padre-mestre guardião, frei José de Santa Delfina, com mesa farta e euforia geral, justificava plenamente as preocupações do bispo. O entusiasmo deve ter contagiado moços e famílias, pois em menos de um mês o número de inscritos elevou-se a 33 (17 de São Paulo, dez do Rio de Janeiro, quatro de Minas Gerais e dois da Bahia). Todos, aliás, por exigência legal, proficientes em Português, latim, História Universal, Geografia, Retórica, Filosofia, Aritmética, Geometria, Língua e Literatura Francesa, disciplinas obrigatórias do curso preparatório ao primeiro ano chamado Curso Anexo.

O velho convento, prédio original da Academia, permaneceu sobranceiro até a noite de 16 de fevereiro de 1880, quando o repicar do sino quebrou o silêncio da madrugada e anunciou um incêndio suspeito, possivelmente criminoso. As labaredas destruíam parte das antigas instalações, inclusive a capela-mor e a sala do arquivo, consumindo toda a documentação. A Biblioteca, como por milagre, não foi atingida. Não se perdeu um só livro. São Paulo não tinha ainda um Corpo de Bombeiros e esse sinistro motivou sua implantação.

O edifício histórico sofreu então sua primeira reforma, mudando a fachada inteiramente de aspecto. Na parte interna, foram preservados os claustros e as arcadas. Inaugurado o segundo prédio, retiram-se os frades franciscanos, agora apenas vizinhos. Não levaram o sino, nem o relógio da torre. Ficou apenas um padre-guardião, cura da capela. Com a República, o imóvel passou ao patrimônio da Fazenda Nacional.

Esse prédio também foi demolido quando da instituição da Universidade de São Paulo, em 1934, e erguido o atual edifício, com quatro pavimentos e um porão.<sup>iv</sup> Mais uma vez, como se impunha, foram mantidos os *pateos* internos, com a planta e o desenho originais. Mais importante, foi mantido o espírito original.<sup>v</sup>

Nem poderia ser de outro modo, pois no *pateo* principal das Arcadas, no famoso “jardim de pedras”, todas as gerações de estudantes inauguram seu aprendizado de cidadania.

Segundo a professora Ada Pellegrini Grinover, “o *pateo*, onde os moços se encontram para debater idéias, declamar poesias, tramar conspirações, é a verdadeira alma da Academia”.<sup>vi</sup>

Se o *pateo* é a alma, a biblioteca é o “tesouro, ao alcance de todas as inteligências e de todas as curiosidades”.<sup>vii</sup>

“A maior biblioteca de São Paulo era o do bispo dom Manoel da Ressurreição, composta de 1.548 volumes, a maior parte sobre Teologia, Ascese Moral e sermonários, como também títulos em Letras, Filosofia e Direito. José Bonifácio de Andrada e Silva foi aluno de dom Manoel e freqüentou sua biblioteca até os 14 anos de idade. Sabe-se que muitos desses

livros foram tirados dos jesuítas e assim constituída a livraria episcopal. Tal biblioteca, anos mais tarde, foi incorporada à do Convento de São Francisco e da Faculdade de Direito".<sup>viii</sup>

---

<sup>i</sup> **Militão Augusto de Azevedo** ( Rio de Janeiro, 1837 – São Paulo, 1905 ) mudou-se para São Paulo com 25 anos de idade. Começou a trabalhar como retratista e criou se próprio estúdio em 1875, denominado Photographia Americana. Produziu diversos álbuns com temática da vida urbana de São Paulo no século XIX.

<sup>ii</sup> Segundo a tradição oral da faculdade de Direito, o general Arouche teria oferecido um jantar de formatura para uma das primeiras turmas de bacharéis. No fim da ceia, deu-se pela falta de uma colherzinha, do faqueiro de prata portuguesa da família. A busca resultou inútil e logo alguém propôs que se revistassem os moços convidados. Diante da recusa peremptória de um deles, terminou a festa; Marginalizado pelos colegas e professores, o jovem sumiu no sertão do Paraná. Muitos anos depois, já falecido o general Arouche, foi demolida a casa. Lá estava, no vão entre duas tábuas do assoalho, o procurado objeto. Localizado, em fim, o suposto ladrão, perguntaram-lhe a razão de não ter permitido a revista. Revelou que tinha os bolsos cheios de empadinhas.

<sup>iii</sup> A primeira aula foi em 1º de março de 1828. Na Faculdade de Olinda, o curso instalou-se em 15 de maio de 1828.

<sup>iv</sup> Dois novos edifícios foram incorporados ao conjunto da Faculdade de Direito, ambos na rua do Riachuelo. O Edifício Anexo, que hoje abriga as áreas departamentais, está ligado ao Largo de São Francisco por uma passarela. Foi inaugurado na década de 90, quando era diretor o professor Dalmo de Abreu Dallari. Nesse prédio ficam a sede da Associação dos Antigos Alunos e o pequeno auditório "Arcadas". Em 2008, por iniciativa do governador Cláudio Lembo (turma de 1958), foi agregado outro prédio vizinho, onde hoje estão os órgãos administrativos. Recentemente, a antiga casa da baronesa de Limeira, voltada para rua Brigadeiro Luiz Antonio, também foi anexada à Faculdade de Direito , abrigado parte da biblioteca da Academia.

<sup>v</sup> Em plena ditadura militar, a despeito da unânime opinião contrária dos estudantes, uma idéia infeliz, que não vingou, propunha a transferência da Faculdade de Direito para Cidade Universitária, no Butantã, certamente para apagar o passado de glórias e tradições do Largo de São Francisco. Em 30 de outubro de 1973, com toda pompa e circunstância, lançou-se a pedra fundamental. Lá estava, disfarçados, alguns alunos das Arcadas, para identificar o exato lugar da malfadada pedra e retirá-la de madrugada. Nem foi preciso esperar a escuridão. Encerrada a "cerimônia" e afastados os circunstantes, com o cimento ainda fresco, dois alunos imediatamente furtaram a pedra, que no dia seguinte já amanheceu plantada no Largo de São Francisco. Uma placa de mármore, de lavra do antigo aluno Caio Pompeu de Toledo (turma de 1967), diz: " Quantas pedras forem colocadas, tantas arrancaremos". Apud Caio Luiz de Carvalho: "São Paulo, minha cidade". Prefeitura da Cidade de São Paulo, 2008.

<sup>vi</sup> **Ada Pellegrini Grinover**. A garota de São Paulo. São Paulo: Arx, 2004.

<sup>vii</sup> Segundo Francisco Pati, O espírito das Arcadas. São Paulo: Gráfica São José, 1950.

<sup>viii</sup> Conforme Duílio Battistoni Filho, Revista da Academia Paulista de História, nº 131: "São Paulo na época colonial".